

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA*

*Lígia Margaret Hertzner***

Objetiva o presente artigo oferecer a estudantes e professores uma visão geral e, ao mesmo tempo, sucinta a respeito das Gramáticas Tradicional, Estrutural, Gerativo-Transformacional e Textual.

Enfocam-se, por isso, aspectos específicos tais como: origem, características peculiares e contribuições de cada uma para o tão discutido ensino da língua, bem como algumas lacunas contidas nas três primeiras. Abordam-se, ainda, as principais contribuições dessas Gramáticas no que concerne ao conteúdo, à forma e/ou à metodologia apresentados por cada uma delas.

É imprescindível, também, apresentar-se um quadro de oposições entre os manuais acima mencionados no que tange ao objeto de seu estudo - a língua - e ao modo como procedem na tentativa de encontrar os caminhos mais eficazes e adequados para o estudo da estrutura da língua.

1- A GRAMÁTICA TRADICIONAL

1.1- Origem e Características:

A Gramática Tradicional, que foi iniciada pelos gregos, seguida com fidelidade pelos romanos e conservada na Idade Média, obteve a aprovação renascentista e mantém-se viva até hoje, apesar de conter sérias falhas no que diz respeito ao conteúdo e à apresentação.

* Trabalho elaborado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, realizado nas Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, em 1988.

** Professora da Escola Estadual de 1º Grau Murilo Braga de Carvalho e do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Santa Cruz do Sul.

A Gramática Tradicional prima pela correção da linguagem através de normas definidíssimas, contidas em gramáticas. Os fatos da língua são postos como legítimos e ilegítimos, de forma prescrita e normativa. As regras da gramática latina devem ser a base para as línguas vernáculas; isto se deve ao fato de que, para os gramáticos tradicionais, a língua latina é a mais coerente, a mais lógica do mundo (STAUB, 1981, p. 11).

As classes gramaticais são definidas pela Gramática Tradicional, preferencialmente, através dos critérios semântico e funcional, havendo mais valorização do significado do que da forma. Pode-se notar que essa Gramática demonstra preferência pelo estudo detalhado de pontos isolados; daí surgirem, normalmente, obras extremamente volumosas.

Antes de se fazer uma análise dos problemas evidenciados pela Gramática Tradicional, é mister ressaltar-se, com base em Crystal (1973) que tal expressão - Gramática Tradicional - deve ser entendida como sendo "a tradução de concepções, princípios e métodos que foram aparecendo através dos tempos, associados a muitas escolas de pensamento" e não como algo único, homogêneo. Ele afirma:

Há idéias acerca da estrutura da frase que vêm de Aristóteles e Platão, conceitos sobre as partes do discurso que têm origem nos gramáticos estoicos, hipóteses sobre a natureza do significado que derivam dos debates escolásticos da Idade Média, idéias acerca da relação entre a linguagem e o pensamento com origem nas controvérsias filosóficas do século XVII entre os racionalistas e os empiristas, idéias acerca da correção da linguagem que vêm das gramáticas inglesas do século XVIII e idéias acerca da história da linguagem que derivam da insistência dada, no século XIX, à filosofia comparativa (TASCA, 1983, p.9).

Em consequência, seria um ato leviano, irresponsável, rejeitar, desprezar a Gramática Tradicional.

1.2- Algumas falhas da Gramática Tradicional:

Segundo Eddy Roulet (1978, p.1), após um exame em gramáticas tradicionais, é possível perceber-se que um dos seus objetivos implícitos - ensinar os alunos a construir orações corretas - não é alcançado por haver falhas no que tange

ao seu conteúdo e à sua apresentação.

No que se refere ao conteúdo, citar-se-ão algumas falhas da maioria das gramáticas tradicionais, prejudiciais ao ensino de línguas vivas:

- em vez de basearem-se na língua atualmente em uso, os manuais tradicionais impõem uma norma que é, quase sempre, a dos escritores de séculos passados. Chevalier (apud ROULET) confirma: "*Muitas gramáticas estão ainda repletas de toda espécie de construções que ninguém ou quase ninguém mais emprega...*" Exemplos:

"*Arrancam das espadas de aço fino...*" (CAMÕES, apud CEGALLA, 1985, p. 297).

"*De tarde, são os outros que o admiram a ele e à obra*". (MACHADO DE ASSIS, apud CEGALLA, 1985, p.305).

- mesmo os manuais mais recentes fazem apenas a descrição da língua escrita e ignoram o caráter oral da mesma. Tal fato advém da própria significação inicial da palavra "gramática" - arte de escrever. Não havendo uma distinção clara entre o fonema e o grafema, a fala sempre dependeu da escrita, como se desta surgisse. Por trás disso, está uma idéia preconceituosa dos gregos: a língua dos escritores era mais correta do que a fala usual das pessoas.

Comumente, a língua é analisada a partir da escrita, como se as pessoas tivessem igual desempenho, tanto falando como escrevendo.

Quando se admite que as estruturas da língua escrita diferem das da língua oral, que as gramáticas tradicionais apenas descrevem a estruturação da língua escrita ou a confundem com a língua oral, e que a maioria dos professores não possuem um suficiente conhecimento das estruturas da língua falada, se é forçado a verificar que as informações dadas pelas gramáticas tradicionais não permitem que os alunos atinjam um dos objetivos básicos da aprendizagem de uma língua viva: "*a aquisição de um instrumento de comunicação oral*" (cf. ROULET, 1978, p.5).

- os manuais tradicionais, geralmente, atribuem especial atenção à morfologia e colocam a sintaxe em segundo plano. Isso se dá devido ao fato de que o foco dos estudos da Gramática Tradicional é a palavra;

- também no que se refere à fonética e à semântica, tais gramáticas deixam muito a desejar. Elas, em sua maioria, não estudam os sons como entidades distintivas, e as informações fonéticas apresentadas não são de grande validade. Quanto à semântica, a preocupação dessas gramáticas se fixa no que é accidental - o essencial, quase sempre, é preterido - perdendo de vista o caráter sistemático da língua.

Quanto ao aspecto da apresentação das gramáticas

tradicionais, destacam-se os seguintes problemas:

- as gramáticas tradicionais apresentam definições, regras, explicações, mais frequentemente de caráter lógico-semântico, nem sempre explícitas; ou até falsas; por isso, são de pouca utilidade, ou mesmo nocivas. Exemplo:

"Uma oração é a expressão, mais ou menos complexa, mas de sentido completo, de um pensamento, um sentimento ou um desejo" (MAUGER, apud ROULET, 1978, p.7).

Tal definição, encontrada em uma gramática tradicional mais recente, mostra-se bastante vaga, já que se poderia aplicá-la, por exemplo, a uma palavra, a uma oração ou a um parágrafo. Dessa forma, ela é inútil.

- os manuais tradicionais se caracterizam por uma divisão e uma dispersão nocivas das informações gramaticais. Isso se dá pelo fato de que seguem, em geral, na disposição dos capítulos, a divisão conforme as partes do discurso: artigo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Na maioria das gramáticas tradicionais, o "verbo" é estudado após o "artigo", o "substantivo", o "adjetivo", o "pronome" e o "numeral". Na visão de Roulet (1978, p.9), tal seqüência é incorreta; pois o "verbo", segundo ela, é o elemento central da construção da frase. No entanto, tal posição é questionável se se considerar os pressupostos da Linguística do Texto, conforme se verá adiante.

A "Novíssima Gramática da Língua Portuguesa", de Domingos Paschoal Cegalla, 13ª edição, traz, no capítulo da morfologia, nas páginas 138-40, informações sobre os "pronomes pessoais" e somente nas páginas 397-402, no capítulo da sintaxe, há instrumentações sobre como empregá-los adequadamente; o estudo sobre a colocação dos pronomes oblíquos átonos está nas páginas 381-6.

- os manuais tradicionais, em consonância com seus objetivos normativos, possuem a tendência a dar uma ênfase exagerada aos erros que devem ser evitados e às exceções, fugindo, assim, do caráter sistemático da língua. Génouvrier e Peytard (apud ROULET, 1978, p.10), lingüistas franceses, notam que:

A tradição normativa conduz assim a excessos, a uma gramática atomística em que o essencial - quando é percebido - perde-se no acessório; a erros graves, bem como a uma pedagogia restritiva e frequentemente ineficaz, o mais das vezes afastada da realidade da língua contemporânea e, por conseguinte, das verdadeiras necessidades dos alunos.

saíndo aptos a re-conhecer o mundo, porque mais enriquecidos.

Esquematisando:

Ter presente:

* O Livro-Objeto-Arte oferece aspectos ou linhas de exploração.

* O que captamos está no objeto e resulta de nossa percepção/descoberta/reflexão quando acionado o nosso repertório (vida = leituras vividas e lidas).

* É preciso arriscar: até recuperar a segurança da criança que não teme por desconhecer os riscos que corre. Só com tal entrega, descobrimos ângulos velados, novidades e leituras criativas e originais pois brotam de ousádas. Estaremos, então, há anos-luz da mesmice, do homogêneo, do pasteurizado.

* Alunos e professor serão capazes de
DESCOBRIR/PERCEBER/RE-CONHECER

* Serão GUIAS DE DESCOBERTA para si próprios e para o outro.

O SER INFANTIL: A CRIANÇA É!

Muitos educadores impregnados por uma leitura-desvio da Psicologia de Aprendizagem que descreve os estádios de desenvolvimento das estruturas do pensamento, passam a considerar a criança um ser em formação dependente da "sabedoria do adulto" e estabelecem com ela uma relação autoritária e dominadora.

Cedemos, agora, espaço às considerações justas e lúcidas por competentes de Maria José Pallo e Maria Rosa D. Oliveira em Literatura Infantil - Voz de criança (cf. bibliog.) Referindo-se à criança esclarecem:

"Se lhe falta a completa capacidade abstrativa que a capacite para as complexas redes analítico-conceituais, sobra-lhe espaço para a vasta mente instintiva, pré-lógica, inclusiva, integral e instantânea, que só opera por semelhanças, correspondências entre formas, descobrindo vínculos de similitude entre elementos que a lógica racional condicionou a separar e a excluir. Correspondências, sinestésias. Todos os sentidos incluídos.

Repudiando o papel prescritivo e descritivo da abordagem tradicional, a Gramática Estrutural é essencialmente descritiva. Os estruturalistas, fundamentados na dicotomia de Saussure que opôs os planos diacrônico e sincrônico, separaram, com rigor, o estudo diacrônico - que visa à explicação de transformações acontecidas na língua através dos tempos - e o sincrônico - que visa à explicação da estrutura e do funcionamento da língua num determinado estágio da evolução. Enquanto os estudos lingüísticos do século XIX tinham um caráter eminentemente histórico, os estruturalistas têm como objetivo fazer a descrição da (s) língua (s) em um determinado período de tempo, ou seja, sincronicamente. Desse modo, a ênfase antes atribuída ao ensino de normas poderia ser substituída pela observação, pelo registro, pela explicação, enfim, pela descrição da língua em uso, cientificamente (TASCA, 1983, p.12).

Outro aspecto de suma importância é o de que a Gramática Estrutural parte da oralidade da língua. Entre os argumentos que há a favor desse novo enfoque está:

Mas não esqueçamos que os signos da linguagem humana são precipuamente vocais, que foram exclusivamente vocais durante centenas e milhares de anos, e que ainda hoje a maioria dos homens sabe falar sem saber escrever nem ler. Nós aprendemos a falar antes de aprender a ler: é a leitura que vem acrescentar-se, sobrepor-se à fala, e não esta àquela (MARTINET, apud TASCA, 1983, p.13).

Para não cometer os mesmos equívocos dos manuais tradicionais, os estruturalistas americanos buscam:

a) efetuar a descrição da língua falada corrente de um indivíduo ou de uma comunidade;

b) restringir o âmbito da descrição, preterindo a significação e dando ênfase ao único aspecto objetivo, passível de observação e de verificação: a forma;

c) realizar tal descrição conforme um método rigoroso, sistemático e objetivo, o que possibilitará inferir, quase que de forma mecânica, de um "corpus" de gravações a gramática de uma língua.

A partir disso, é possível concluir-se que a Gramática Estrutural:

- baseando-se em critérios exclusivamente formais e sintáticos, postula definições precisas e passíveis de verificação;

- pressupõe um processo de investigação que ocorre de modo indutivo, visto que parte do individual para o geral,

isto é, do fato observado para a norma;

- substitui o dogmatismo dos manuais tradicionais por uma certa relativização: a correção lingüística é relativa e não absoluta; os termos "correto" e "incorreto", são substituídos por "aceitável" e "não aceitável" (cf. STAUB, 1981, p.12-3).

A Gramática Estrutural consiste em uma relação de estruturas e parece, assim, vir completar as principais lacunas da Gramática Tradicional e poder fornecer tanto por seu conteúdo quanto por sua forma, uma fundamentação bastante sólida para o ensino de línguas (ROULET, 1978, p.20-1).

No que diz respeito ao conteúdo, é importante ressaltar-se que:

- a Gramática Estrutural descreve a língua em uso em uma certa comunidade e em uma certa época, visto que estuda amostras gravadas no local;

- essa Gramática descreve a língua falada de que o aluno precisa como instrumento de comunicação; a contribuição da Gramática Estrutural é mais marcante no domínio da morfologia, onde são descritas sistematicamente as marcas da língua falada;

- como consequência, as descrições estruturais apresentam pela primeira vez uma análise do sistema fonológico que pode servir de base para um ensino sistemático da pronúncia e, por vezes, um estudo sistemático das correspondências entre grafia e som que pode dar uma fundamentação sólida para a elaboração de uma metodologia da leitura.

Quanto à forma, a Gramática em questão prima por propor definições precisas e verificáveis, pois se fundamentam exclusivamente em critérios formais e distribucionais e por apresentar as unidades lingüísticas em construções.

Não obstante, atualmente, é possível constatar-se, baseando-se em trabalhos de Chomsky, que a Gramática Estrutural, de certa forma, representa um retrocesso em relação à Tradicional, conforme evidencia o autor acima citado, no prefácio que fez à obra "Sintaxe Inglesa", de Paul Roberts:

A moderna lingüística estrutural atingiu um nível de rigor por vezes superior ao da gramática tradicional, e revelou aspectos até então desconhecidos da estrutura lingüística. Contudo, traz poucas visões quanto aos processos de formação e interpretação de orações. O estudo dessas questões ultrapassava o âmbito do estruturalismo moderno, que se limitou quase completamente a um sistema de inventários de elementos (fonemas, morfemas) e aos proce-

dimentos analíticos que pudessem auxiliar a definir esses elementos. Tem havido alguma discussão dos padrões sintáticos, mas esta tem sido bem primitiva em comparação com o tratamento da gramática tradicional (CHOMSKY, apud ROULET, 1978, p.25-6).

2.2- Algumas falhas da Gramática Estrutural:

No que concerne ao conteúdo, salientam-se as seguintes falhas:

- as gramáticas estruturais apresentam uma descrição incompleta do sistema gramatical da língua: dão apenas um inventário das formas e das construções que aparecem em um "corpus" necessariamente limitado, e não fornecem as regras que possibilitariam construir um número infinito de orações gramaticais;

- tais manuais atribuem excessiva importância a fatos secundários, geralmente morfológicos, e negligenciam generalizações importantes;

- mais ainda que os manuais tradicionais, os estruturais dão um tratamento insuficiente à sintaxe - não se aposta na capacidade de raciocínio do aluno - ele apenas aprende pela repetição;

- as gramáticas estruturais descrevem apenas a estrutura superficial das orações, o que notadamente é insuficiente para garantir a compreensão e o uso correto de uma estrutura; como consequência, o aluno cometerá erros com mais facilidade;

- as gramáticas da linha estruturalista não fornecem ao pedagogo critérios de gramaticalidade e não permitem que haja distinção sistemática dos graus de gramaticalidade; em corolário, tais manuais não se constituem em instrumentos adequados para a análise de erros e para a análise estilística;

- a Lingüística Estrutural americana, por haver renunciado ao estudo do significado, não fornece as informações indispensáveis a um ensino sistemático do léxico e, de modo mais geral, da compreensão oral ou escrita (cf. ROULET, 1978, p. 26-34).

Também quanto à metodologia é possível ressaltar-se alguns problemas:

- a ênfase atribuída aos critérios formais e distribucionais pelos primeiros estruturalistas, às custas dos fatores semânticos e situacionais, e a importância dada pelos psicólogos skinnerianos à aprendizagem por pequenas etapas, levaram professores e alunos a manipular as estruturas por si pró-

prias e a desconsiderar seu campo de aplicação na vida corrente;

- os estudiosos estruturalistas levaram os professores a considerar que a língua era a única variável da pedagogia de línguas e a não considerar, assim, os problemas de aprendizagem e ensino de uma língua; a propósito disso, um dos primeiros defensores do método estruturalista, W. Moulton, escreveu:

A julgar pelo que meus colegas lingüistas e eu dissemos por vezes no passado, pareceria que pensávamos que nós - e só nós - sabíamos todas as respostas para todos os problemas do ensino de línguas. Certamente nós não as sabemos. Em matéria de pedagogia de línguas - planejamento de aulas, elaboração de exercícios, emprego do laboratório de línguas - não sabemos mais que qualquer outra pessoa, e bem menos do que muitos. A única coisa que temos para oferecer é a teoria lingüista - um conjunto mais ou menos estimulante de teorias a respeito do que é a língua e como funciona (MOULTON, apud ROULET, 1978, p.35).

- enfim, sabe-se hoje que a metodologia estruturalista está baseada em um modelo de aprendizagem, a teoria do condicionamento verbal de Skinner, que é inadequada, já que não dá conta da aquisição e do uso criativo da língua.

Concluindo, os critérios, tanto no plano lingüístico quanto no da metodologia, são bastante severos e pode-se compreender que os manuais e cursos mais recentes se refiram sempre menos à Gramática Estrutural (ROULET, 1978, p.36).

3- A GRAMÁTICA GERATIVO-TRANSFORMACIONAL

3.1- Origem e Características:

O fundador da teoria gerativa ou transformacional foi Noam Chomsky que, de início, foi adepto das idéias de Bloomfield. Juntamente com outro discípulo deste, Zellig Harris, Chomsky começou a construir uma teoria original.

Mais tarde, opondo-se ao princípio mecanicista e afastando-se de Harris, Chomsky dá corpo à sua teoria, atribuindo grande ênfase ao papel da criatividade na aquisição e no uso da linguagem humana. A lingüística deste autor privilegia o caráter individual da língua, a qual é concebida como

invenção e veículo do pensamento universal.

É válido lembrar que a teoria de Chomsky, desde o lançamento do livro "Estruturas Sintáticas" em 1957, sofreu sérias reformulações (TASCA, 1983, p.15-6).

A Gramática Gerativo-Transformacional caracteriza-se como sendo a teoria da competência, já que se detém na natureza das regras e não no seu uso; deste modo, ultrapassa os limites da análise restrita ao inventário e classificação dos dados de um "corpus".

Tal gramática preocupa-se, também, com a estrutura profunda (representação do significado) de uma língua, uma vez que é a partir dela (estrutura profunda) que podem ser derivadas as regras que se deve interiorizar para obter-se o desempenho.

Ao contrário da Gramática Estrutural, a Gerativo-Transformacional baseia-se num processo dedutivo - do geral para o particular. Essa diferença de metodologia advém de dois princípios distintos: os estruturalistas concebem uma estrutura singular para cada língua e os transformacionalistas, admitem a existência de "universais" lingüísticos.

Tendo como ponto inicial a competência lingüística do falante, Chomsky e seus adeptos admitem que a aprendizagem de uma língua ocorre graças à capacidade inata que o indivíduo possui de elaborar regras acerca da mesma. Em outras palavras, o gerativismo concebe a linguagem humana como sendo algo determinado pela mente: o indivíduo é dotado de uma capacidade inata de produzir um número infinito de enunciados de uma língua. Para tal, é suficiente expor a criança ou o aprendiz ao uso da língua em questão.

Por enfatizar a capacidade criadora inata do indivíduo, a Gramática Gerativo-Transformacional passou a incentivar o aluno a criar, produzir textos, a dar respostas totalmente originais (TASCA, 1983, p.16-7).

As contribuições da Gramática em questão ficam por conta dos seguintes aspectos:

- apresenta uma concepção geral do sistema da língua que é mais exata e mais completa que a de outros manuais;
- esforça-se por fazer a síntese das contribuições da Gramática Tradicional e da Estrutural;
- não oferece apenas listas de formas e de construções - dá regras que são explícitas e ordenadas;
- fornece um sistema de regras que possibilita criar um número infinito de construções gramaticais;
- faz uma distinção bastante clara entre estrutura (s) de superfície e estrutura (s) profunda (s) de um enunciado;
- permite caracterizar noções de desvio e de estilo

e proporciona, assim, um instrumento de grande valor para a análise estilística de textos literários (cf. ROULET, 1978, p.46-56).

3.2- Algumas falhas da Gramática Gerativo-Transformacional:

Apesar das contribuições acima citadas, e de outras, tal Gramática apresenta falhas quanto ao conteúdo e à forma:

- o formalismo extremamente complexo e abstrato da Gramática Gerativo-Transformacional parece não adequado para ser levado às salas de aula; ao exigir-se dos alunos um alto grau de abstração para que assimilem as regras, acaba-se por desmotivá-los, atrofiando-lhes, até, a capacidade criadora da linguagem;

- a teoria gerativista sofre, em curtos espaços de tempo, alterações substanciais. Assim, ainda que o professor se apresse em aplicar os conhecimentos teóricos, seu trabalho estará sempre defasado em relação aos progressos da teoria;

- descreve apenas a competência comum a todos os indivíduos que falam uma língua, que lhes possibilita elaborar um número infinito de orações gramaticais, mas não aborda o estudo do desempenho - em nenhum momento é explicado como os falantes utilizam a linguagem nas diferentes situações;

- atém-se geralmente à discussão da oração, e, conseqüentemente, não dá informações a respeito da estrutura do diálogo e do parágrafo, tão indispensáveis ao ensino da expressão oral e escrita e ao estudo estilístico de textos literários.

No que tange à metodologia, apesar de apresentar uma severa crítica ao modelo de aprendizagem de Skinner, Chomsky não apresentou uma solução alternativa. Vale dizer que ele já mais disse que sua teoria fornecia as bases para uma nova metodologia do ensino lingüístico. Entretanto, não se pode duvidar de que suas idéias tenham servido de orientação para as pesquisas em uma nova direção e tenham contribuído para a reabilitação de certas técnicas pedagógicas muito apressadamente renegadas pelos estruturalistas (ROULET, 1978, p.57).

Em suma, pelo fato da Gramática Gerativo-Transformacional também não contribuir satisfatoriamente no estudo da estrutura das línguas em funcionamento, lingüistas, psicólogos, psicolingüistas e pedagogos, entre outros estudiosos, estão voltados, nos dias atuais, à Gramática Textual e a outras teorias.

4- A GRAMÁTICA TEXTUAL

4.1- Origem e Características:

A Gramática ou Lingüística Textual vem evoluindo desde os anos 60, na Europa, especialmente, na Alemanha.

Este novo ramo da lingüística surge pelos estudos de um grande número de lingüistas que, após constatarem a existência de relações específicas interfrasais e a possibilidade de se definir um texto como um todo coerente, começaram a formular hipóteses e a fixar princípios de novos modelos de descrição da língua que transponham o âmbito da frase. Por conseguinte, buscaram elaborar gramáticas que dêem conta dos problemas de coesão textual e que se adequem tanto para a caracterização dos diversos aspectos dos diferentes tipos de textos, como para a produção de modelos de elaboração de textos bem formados, consoante determinada língua (cf. NEIS, 1981, p.21).

O texto é considerado pela Gramática Textual como uma unidade superior à frase; acreditam seus defensores - ou estudiosos - que a análise do texto consegue, em alguns casos, oferecer informações mais adequadas do que as conseguidas pela análise frasal. Segundo Dressler (apud TASCA, 1983, p.20), são poucos os problemas da gramática que não se relacionam com a lingüística textual. Este autor coloca que muitos aspectos fonológicos e semânticos ficam excluídos nas gramáticas da frase. A gramática do texto, conseqüentemente, propõe-se a analisar aqueles elementos que não podem ter uma explicação plausível no âmbito da frase apenas.

Conforme Conte (apud NEIS, 1985, p.8), é possível identificar-se, até agora, três etapas que marcam a passagem da lingüística frasal à do texto:

- no início, a pesquisa estava voltada ao estudo das relações entre as frases de uma seqüência coerente de enunciados, ou seja, das relações interfrasais e transfrasais; entre estas relações, sofreram investigações os fenômenos da correferência, especialmente a pronominalização e a substituição lexical;

- depois, surgiu a gramática textual, estruturada com base na idéia de que todo falante tem uma competência textual que lhe possibilita reconhecer e produzir textos coerentes; tal gramática busca definir o que faz com que um texto seja texto e descrever os fatores da textualidade, bem como fixar critérios de tipologia textual (VAN DIJK, apud NEIS, 1985, p.9).

- numa terceira etapa, chega-se às teorias de texto ou a uma lingüística de texto, onde adquirem enorme importância os fatores de produção, de recepção e de interpretação de textos. Essa lingüística de texto sedimenta-se na concepção da

língua como atuação sócio-comunicativa inserida numa situação específica de comunicação (Perspectiva da enunciação).

É mister, também, conhecer-se algumas das razões que levaram os lingüistas a ampliarem o objetivo de seu estudo da frase para o texto:

- verifica-se que o sujeito falante se comunica através de textos e não de palavras e frases; isso ocorre desde a comunicação com textos muito extensos ou bem curtos até a comunicação por meio de uma frase apenas;

- é preciso, por outro lado, reconhecer-se que um texto é muito mais do que a soma do conteúdo de todas as frases coerentes que o formam; é a coerência global que permite reconhecer-se a unidade de um texto, seu tema, a intenção do autor, etc (SCHMIDT, apud NEIS, 1985, p.9-10).

- por fim, tem-se conhecimento de que, na constituição do texto e de seu significado, têm participação não só elementos estritamente lingüísticos, mas também elementos chamados temáticos, lógico-cognitivos e pragmáticos (cf. MARCUSCHI, 1983, p.27).

É oportuno falar-se, também, das dificuldades com que a Gramática ou Lingüística do Texto se defronta.

Segundo Van Dijk (NEIS, 1981, p.29), a Gramática Textual busca mostrar que a análise de um texto não pode reduzir-se a uma análise frasal; para tanto, aponta o fato de que há certas seqüências de frases únicas compostas; isso vem confirmar que "a diferença entre seqüência (texto) e frase (longa) não é apenas uma diferença de desempenho estilístico".

É possível notar-se, nos exemplos concretos dados pelos lingüistas, que as gramáticas gerativas não prevêm descrições simples e consistentes de fenômenos tais como a coerência de textos dialogados, a desambigüidade das frases dentro de um texto, a distinção entre enunciados completos e incompletos, etc.

Apesar destas e de outras dificuldades, a Gramática do Texto segue seu caminho cautelosamente.

Um dos objetivos é estudar a língua não apenas nos limites do imanente (enunciado), e sim, do transcendente, ou seja, os elementos que estão por trás da enunciação (cf. TASCIA, 1983, p.19). Para tanto, a gramática em questão, no que se refere à metodologia, apresenta várias propostas de aplicação entre elas, o estudo das categorias textuais.

Mesmo que se reconheça que tais propostas são mais concretas que as das outras Gramáticas, vale salientar-se que ainda não existem propostas claras de formalização categorial até mesmo as proposições de Van Dijk e Petöfi, entre outros estão bastante longe de passar da intuitividade.

É provável, por consequência, que alguns mestres es-

téjam preocupados com as aplicações que a nova abordagem enseja. Por isto, é válido lembrar uma recomendação de Hjelmslev (apud TASCA, 1983, p.21): "...é da maior importância não confundir a teoria com suas aplicações ou com o método prático da aplicação." Também é preciso não confundir, segundo Kato (apud TASCA, 1983, p.21), o objetivo e os pressupostos da lingüística com o objetivo e os pressupostos da escola no que tange ao ensino; afirma ela que a supremacia conferida ao texto poderá fazer com que não se dê a ênfase necessária ao ensino da sintaxe e da morfologia.

4.2- Causas do surgimento da Gramática Textual:

Entre as causas que fizeram com que os estudiosos se voltassem para a Gramática Textual, estão:

- as lacunas das gramáticas de frase ao tratarem de fenômenos como a correferência, a pronominalização, a escolha dos artigos, a ordem dos vocábulos no enunciado, a relação tema-rema (tópico-comentário), a entoação, as relações entre orações não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais, e tantos outros que só podem ser elucidados em termos de texto, ou, então, com referência a um contexto situacional (cf. FÁVERO KOCH, 1988, p.12);

- as pesquisas lingüísticas, até há bem pouco tempo, centravam-se quase que exclusivamente nos problemas concernentes à frase ou aos componentes desta, porém enfocados dentro dos limites frasais;

- os objetivos das teorias mais desenvolvidas e das descrições mais acabadas estabeleciam-se nos campos fonológico, morfológico e sintático-frasal, pondo à margem preocupações com referência aos aspectos semânticos e contextuais da linguagem observada nas diversas situações de comunicação.

4.3- Argumentos em favor da sobreposição da gramática do texto à da frase:

A sobreposição da gramática do texto à da frase está apoiada em argumentos metateóricos e empíricos.

Com referência aos argumentos metateóricos, os estudiosos procuraram demonstrar que uma gramática frasal pode e deve ser reduzida (termo questionável) a uma gramática do texto. A justificativa para tal argumentação é a de que a frase - objeto empírico da gramática frasal - não constitui um campo natural da teoria da linguagem. "Como a frase é parte de um texto e como o texto é um objeto legítimo da lingüística, toda

descrição de frases deve ser integrada numa descrição de textos." Ainda, conforme Van Dijk (apud NEIS, 1981, p.31), uma gramática da frase é apenas uma parte da textual, podendo, por isso, reduzir-se a esta, caso o objeto da gramática textual for um campo natural aceitável da teoria da linguagem.

Ao nível dos argumentos empíricos, a gramática textual é tida como um instrumento mais adequado para que se explique a competência do falante. A hipótese fundamental é a de que todo falante tem conhecimento das regras que subjazem às relações entre as frases que integram um texto; somente isto é capaz de explicar a capacidade de interpretar e ou produzir enunciados textuais coerentes, de elaborar resumos, de atribuir um título a um texto, de distinguir um texto coerente de um conjunto de frases desconexas, de captar a intenção geral do autor, de identificar incoerências, repetições, etc.

Com relação a tal argumento, vale citar-se o que diz Van Dijk:

Se o falante pode produzir/interpretar um número infinito de discursos diferentes, sua competência é necessariamente uma competência textual. É muito pouco provável, e até impossível, que a produção e a percepção de enunciados textuais se opere por uma concatenação não regrada de frases isoladas (NEIS, 1981, p.32).

Pelo fato de o falante exprimir-se por meio de textos, e como a lingüística pragmática vê no ato de fala essencialmente um ato sócio-comunicativo, é possível entender-se por que a teoria do texto postula no falante aquilo que chama de "competência comunicativa", a qual se manifesta por meio da elaboração de seus textos.

A Gramática Textual, portanto, terá como função formular as regras para a concatenação frasal (ao nível da microestrutura) e para a organização do todo, em vista da coerência global (ao nível da macroestrutura).

4.4- Contribuições da Lingüística Pragmática

Recentemente, foi introduzida uma nova modificação na lingüística, e que está na base da teoria de texto: a pragmática.

A Lingüística Pragmática propõe-se o estudo dos aspectos da linguagem do ponto de vista de seu uso; busca, também, relacionar a linguagem com seus usuários e fazer a des-

crição dos atos de fala ou enunciações comunicativas, considerando tanto o contexto com a situação de fala/comunicação (cf. NEIS, 1981, p.27):

Existem estudiosos, entre os quais está Schmidt, que dão grande ênfase à hipótese de que, para uma teoria de texto, "as operações verbais não se desenvolvem a não ser em associação integral com os processos comunicativos concretos e no seio de uma comunidade concreta." Por isso, segundo o autor citado anteriormente, o ponto de partida da teoria do texto deve fixar-se em "entidades complexas de comunicação lingüístico-social." Assim, as teorias pragmáticas relacionadas com os atos da fala servirão de fundamento para grande parte da Gramática de Texto.

As principais categorias enfocadas pela Lingüística Pragmática são: o emissor e o receptor com suas respectivas características, as categorias de tempo e lugar, relacionadas com a enunciação, como base para explicar os diferentes advérbios, tempos gramaticais e termos dêiticos; as condições internas que contribuem para a análise ou produção de constituintes textuais; os diferentes tipos de enunciações, com suas condições de uso necessárias e suficientes, e os diferentes tipos de discurso, definidos em função dos próprios objetivos e de suas normas sócio-comunicativas vigentes (VAN DIJK, apud NEIS, 1981, p.27).

Supõe-se que os indivíduos possuem uma espécie de "competência comunicativa", a qual lhes possibilita servir-se, de fato, da faculdade da fala segundo os objetivos que têm em mente e as diversas situações comunicativas. A hipótese principal elaborada por lingüistas pragmáticos é a de que todo falante é possuidor de um conhecimento ideal dessas regras pragmáticas. Por tal razão, Campbell, Schmidt e Van Dijk, entre outros, propõem que a Pragmática seja vista como parte legítima e necessária da gramática. Desse modo, conforme Neis, a Lingüística Pragmática relaciona a gramática/competência com a utilização direta e concreta do sistema lingüístico para efeitos de comunicação.

4.5- Elementos fundamentais de uma Gramática do Texto

Os lingüistas do texto perceberam a real necessidade de se estudar, tanto na estrutura profunda lógico-semântica como na superficial, os fenômenos que se referem à coesão e coerência textuais, as quais são responsáveis pelas relações determinantes das condições de encadeamento entre as frases (AMARAL, 1985, p.29).

A noção básica da Gramática Textual parece ser a de

coerência. No entanto, ainda não se tem dados razoáveis para definir, de modo seguro, esse conceito de coerência textual. É possível, por outro lado, analisá-la em dois níveis de organização do texto: macroestrutural e microestrutural.

A macroestrutura do texto corresponde à estrutura profunda lógico-semântica do texto (seqüência; parágrafo); ela especifica um conteúdo global do texto e estabelece a formação global das representações semânticas das frases sucessivas. Por causa disso, é tida como uma condição indispensável a toda atuação verbal sócio-comunicativa eficaz.

Segundo Van Dijk (cf. AMARAL, 1985, p.32), é somente a hipótese da estrutura profunda do texto que pode esclarecer o porquê da possibilidade de haver relações entre todas as frases de um texto, relações estas que vão além das restrições microestruturais. A conexão das frases para a elaboração de textos e o encadeamento dos constituintes textuais fazem pressupor um princípio semântico mais abrangente do que a frase, situando-se ao nível do texto global, isto é, ao nível macroestrutural.

A microestrutura do texto, por sua vez, é identificada como sendo a estrutura superficial e refere-se às possibilidades de encadeamento, às relações entre as frases sucessivamente organizadas de um texto ou de um parágrafo (cf. NEIS, 1981, p.32).

Para que um texto seja coerente na sua microestrutura é necessária a presença dos seguintes elementos:

- pronominalização; através do uso de pronomes, ou pronominalização, é possível repetir-se, a certa distância, um sintagma, uma frase ou até um parágrafo. Exemplo:

Ali, naquela casa, eram tratados como gente e se orgulhavam disso.

- definitivização: consiste na passagem de um artigo indefinido para um definido. Exemplo:

Certa vez, esbarrei num homem que caminhava distraído (...). O homem usava um terno claro, (...).

- substituição lexical: para evitar-se a repetição de lexemas ou até de uma oração inteira, pode-se dispor da substituição lexical; vale lembrar que o item que substitui deve ter a mesma função estrutural que o seu co-referente. Exemplo:

Paulo, ao notar que o gato estava doente, pegou o bichano e o levou ao veterinário.

- nominalização: é um substituto verbal que se refere a um verbo do contexto; primeiramente vem o verbo, depois sua forma nominalizada com pré-determinantes de diversos tipos. Exemplo:

Ele optou pelo caminho mais fácil; tal opção, porém,

trouxe-lhe sérios problemas.

Pode acontecer, também, que o substituto verbal seja diferente dos verbos do enunciado, mas que repete o mesmo "objeto de pensamento." Exemplo:

Zezinho refletiu e compreendeu que os colegas fugiam dele. Foi uma triste constatação.

- articuladores: estes elementos são coesivos, mas de forma indireta, em virtude das relações significativas que se estabelecem entre as orações dentro de um período, entre os períodos dentro de um parágrafo, entre os parágrafos no interior do texto. Tais relações são responsáveis pela coesão e coerência textuais. Os principais tipos de articuladores, ou elementos conjuntivos são: conjunções coordenativas e subordinativas, e locuções conjuntivas; preposições e locuções prepositivas; itens continuativos como: "daí, então, a seguir", etc, além de palavras como: "até, mesmo, também, somente, aliás, ou melhor", etc. Exemplo:

Iniciava-se, então, a grande disputa, e, naquele momento, tudo era válido.

- tematização: sempre que houver necessidade de progressão temática em qualquer texto, este precisará receber uma contribuição semântica constantemente renovada. Ora, a introdução de informações novas não pode ser feita aleatoriamente: os elementos que contenham novidades semânticas devem ser introduzidas conforme regras e planos, sem se deixar de lado os elementos já conhecidos. Exemplo:

A prática da redação é de suma importância para a formação profissional. Não é somente pela necessidade de redigir cartas, relatórios, ofícios e, eventualmente, artigos que um agrônomo, por exemplo, deve saber escrever. A prática da redação é fundamental por ser um excelente treinamento para a organização do raciocínio e para o desenvolvimento da capacidade de expressar-se.

- pressuposições e inferências: qualquer texto, no decorrer de suas frases ou de seus parágrafos, encerra pressuposições ou inferências, ou seja, refere-se a conteúdos semânticos não evidenciados, não expressos, mas que devem ser considerados; conforme a Gramática do Texto, as pressuposições e inferências são integrantes do enunciado. Por isto, se elas não são assumidas pelo leitor (receptor) ou se são contraditas pelo próprio emissor, o texto tornar-se-á incoerente ou, no mínimo, estranho. Exemplo:

Alguns ministros são corruptos.

A partir deste enunciado é possível perceber-se, através de pressuposições ou inferências, que há ministros corruptos e que alguns não são corruptos.

Para finalizar, cumpre ressaltar-se que a Gramática

ou Lingüística Textual surge, indubitavelmente, como uma nova e atualizada abordagem no estudo da linguagem humana, ao evidenciar os enunciados textuais como as manifestações da língua nos atos sócio-comunicativos. Por ser relativamente recente, a Lingüística Textual abre um enorme campo de pesquisas para estudiosos da língua em geral.

Um último aspecto, e que merece um destaque maior, é o fato de que a aplicabilidade da Gramática Textual, seja à leitura, seja à redação, seja à tradução, exige um incremento de atividades que favoreçam nos indivíduos o pleno desenvolvimento da sua capacidade de raciocínio, de reflexão, de discernimento, análise e espírito crítico, tão necessários em qualquer processo de ensino/aprendizagem (cf. NEIS, 1981, p.38).

5- PRINCIPAIS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA TRADICIONAL E A GRAMÁTICA ESTRUTURAL

Conforme Staub (1981, p.15-9), são as seguintes principais oposições entre tais gramáticas:

- a Gramática Tradicional tenta classificar as palavras, adotando os critérios semântico e funcional; a Estrutural, por sua vez, adota os critérios formal e sintático;

- os gramáticos tradicionais tendem a classificar as palavras isoladas, fora do contexto; os estruturalistas admitem a transferência funcional;

- segundo os gramáticos estruturalistas, a Gramática Tradicional depende de apreciações subjetivas, e suas definições só podem ser verificadas através da intuição; em reação, aqueles concentraram sua atenção nos fatos do processo comunicativo que podem ser verificados de modo objetivo - sem o uso da intuição - tais como a articulação dos fonemas pelo falante, etc.;

- a impressão que têm os estruturalistas é a de que os manuais tradicionais não apenas confundem a língua escrita com a falada, mas também privilegiam a primeira; a Gramática Estrutural repudia a ênfase à língua escrita e mostra várias razões que revelam a superioridade e a primazia da língua falada sobre a escrita, exigindo, assim, sua presença no ensino;

- o caráter normativo da Gramática Tradicional também é combatido pelos estruturalistas, já que tal manual tem por costume fixar normas lingüísticas que determinam o uso; os estudiosos da Gramática Estrutural admitem a existência de regras, porém, baseadas num exame detalhado dos fatos lingüísticos;

- a Gramática Tradicional, muito facilmente, faz confusão entre os eixos sincrônico e diacrônico; a Gramática

Estrutural, por sua vez, prima pela separação dos eixos acima citados e baseia seus estudos sobre o sincrônico;

- a Gramática Tradicional é influenciada pela lógica, enquanto que a Estrutural não admite que a lógica esteja inserida no uso da linguagem.

Apesar da Gramática Tradicional ser alvo de severas críticas dos lingüistas adeptos do Estruturalismo, e de ser, inclusive, desprezada por eles, ela tem grande força. Uma prova disso é que os estruturalistas mais arduos, mesmo que a julgassem não científica, nunca puderam desvencilhar-se de sua influência por completo.

6- PRINCIPAIS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA ESTRUTURAL E GRAMÁTICA GERATIVO-TRANSFORMACIONAL

De acordo com Staub (1981, p.25-9), é possível destacarem-se as seguintes oposições entre tais gramáticas:

- os transformacionalistas refutam a teoria da aquisição da linguagem (behaviorista e mecanicista) do Estruturalismo. Para Fries, a criança aprende a língua da sociedade fazendo a associação das formas lingüísticas (significantes) com as situações que as provocam; segundo os transformacionalistas, a teoria da aquisição da linguagem do Estruturalismo não é adequada, porque não explica a genial criatividade observada na linguagem humana;

- os estruturalistas defendem o postulado de que a lingüística deve atingir a objetividade da física, da química e de outras ciências - por isto, preocupam-se essencialmente com a estrutura de superfície das frases, ignorando a estrutura profunda das mesmas. Chomsky condena tal atitude; ele adota uma postura mais racional e aceita a introspecção;

- os estruturalistas não produziram gramáticas completas: efetuaram boas análises fonêmicas e morfológicas, e esqueceram-se quase totalmente dos estudos sintáticos e semânticos; os lingüistas da Gramática Gerativo-Transformacional são os que se empenham com afinco nestes dois campos - tomam a sentença como marco inicial para qualquer análise;

- uma das grandes diferenças entre as duas gramáticas em questão refere-se à descrição dos sistemas lingüísticos. Os estruturalistas, adeptos de Bloomfield, descreviam os sistemas da língua, mas desconheciam o modo como as línguas operavam; já os transformacionalistas buscam descrever as operações lingüísticas;

- os estruturalistas, por rejeitarem tudo o que vinha da Gramática Tradicional, e influenciados por uma posição behaviorista desmensurada, encaram o significado lingüístico

com reservas; a posição dos transformacionalistas é outra: eles chegam à conclusão de que não é anticientífico estudar os fenômenos mecanicistas, tais como o significado;

- a Gramática Estrutural faz apenas um levantamento das formas e das construções de um "corpus" limitado - não fornece regras que possibilitariam criar um número infinito de orações. Os lingüistas da Gerativo-Transformacional, por sua vez, perceberam que o falante pode emitir e compreender um número ilimitado de sentenças inéditas; para que isso se concretizasse, forneceram regras explícitas e ordenadas.

- para os estruturalistas, a língua constitui-se num instrumento a serviço do homem; os transformacionalistas defendem a idéia de que a língua não é um instrumento - ela faz parte da essência do homem.

Pode-se dizer, em suma, que as três gramáticas - Tradicional, Estrutural e Gerativo-Transformacional - às vezes se encontram, ou se opõem, ou se sobrepõem. Há alguns estruturalistas que se mantêm fiéis a certos preceitos da Gramática Tradicional - interessam-se pela manifestação concreta, pela fala (discurso). Outros procuram renegar o passado completamente: têm interesse no sistema; língua. Quanto ao gerativismo, os próprios conceitos de Noam Chomsky já foram reformulados em parte, tanto por ele próprio, quanto por outros estudiosos. A verdade é que nunca houve entre os lingüistas uma unidade de pensamento e de método (cf. STAUB, 1981, p.29).

7- ALGUMAS OPOSIÇÕES ENTRE A GRAMÁTICA GERATIVO-TRANSFORMACIONAL E A GRAMÁTICA TEXTUAL

Baseando-se no estudo que se fez sobre estas duas gramáticas, procurar-se-á, agora, destacar algumas oposições entre elas:

- a maior diferença entre o gerativismo e a Gramática do Texto parece residir no seguinte fato: a Gramática Gerativo-Transformacional, apesar de inovar quanto ao estudo da estrutura profunda lógico-semântica em relação às gramáticas anteriores, ainda concentra seus esforços na frase, ou seja, toma a frase como subsídio para o estudo da língua. Por outro lado, a Gramática Textual nega-se a estudar a estrutura lingüística através da palavra, da frase de modo isolado; seu objetivo de estudo, de reflexão, é o texto, já que, segundo seus adeptos, o fenômeno da comunicação só acontece no texto;

- originariamente, a gramática gerativa chomskyana privilegiou os aspectos sintáticos e morfológicos para estudar a estrutura da língua; em 1965, através da obra "Aspects of the Theory of Syntax", a semântica passou a integrar tal ma-

nual e visava interpretar a estrutura profunda das frases. Ao que parece, os gerativistas, apesar do seu esforço, não deram a merecida atenção aos aspectos semânticos. A Gramática do Texto é que confere à semântica seu verdadeiro valor, visto que o sentido é que fornece consistência ao texto;

- enquanto os lingüistas transformacionistas fornecem um sistema de regras que possibilita a construção de um número infinito de orações, os lingüistas do texto procuram fixar um número finito de normas que possam descrever ou gerar o conjunto infinito dos textos possíveis de uma língua, ou seja, eles se preocupam em oferecer modelos de produção, de recepção e de interpretação de textos, bem como em criar um instrumental para a verificação das relações mais globais de um texto (macroestrutura) e das que estabelecem as condições de encadeamento entre as frases (microestrutura). O problema das relações interfrásticas e outros aspectos da microestrutura (elementos de retomada, elementos correlacionais) poderiam ser explicitados.

- a Gramática Gerativo-Transformacional, em nenhum momento, dá explicação sobre o modo como os falantes utilizam a linguagem nas diferentes situações de comunicação; em outras palavras, não aprofunda suficientemente o estudo do desempenho lingüístico. A Gramática Textual, por sua vez, preocupa-se em estudar as operações lingüísticas que regulam e controlam a produção, a construção, o funcionamento e a recepção de textos escritos ou orais;

Para concluir, é válido dizer que a Gramática Textual, ainda que seja uma ciência um tanto recente, apresenta-se como um caminho viável para estudos que transcendem a estrutura lingüística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se a idéia de que, com o passar dos anos e o aprofundamento dos estudos, uma Gramática se sobrepõe à outra, apresentando falhas por vezes - isso é natural, compreensível - e trazendo, contudo, propostas sérias para um problema igualmente sério que é o estudo da estrutura da língua.

É principalmente por essa razão que se acredita não ser viável renegarem-se os estudos e as contribuições de cada uma das gramáticas anteriormente abordadas. Por outro lado, é mister agir-se com cautela: não se podem admitir investidas impensadas, inconseqüentes, nas teorias explicitadas pelos manuais ora existentes.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Marisa Porto do. Letras de Hoje, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 18 (2): 29-40, jun. 1985.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística textual: introdução 2. ed. São Paulo, Cortez, 1988.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linguística de texto: o que é e como se faz. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates, 1).
- NEIS, Ignacio Antonio. Por que uma linguística textual? Letras de Hoje, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 18: (2) 7-12, jun. 1985.
- . Por uma gramática textual. Letras de Hoje, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 14 (44): 21-39, jun. 1981.
- ROULET, Eddy. Teorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas. São Paulo, Pioneira, 1978.
- STAUB, Agostinus. As três gramáticas: uma unidade na trindade. In: . Temas de lingüística aplicada. Brasília, Thesaurus, 1981.
- TASCA, Maria. Estudos lingüísticos: enfoques teóricos e implicações no ensino. Letras de Hoje, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 17 (1): 7-25, dez. 1983.